



TURISMO PEDAGÓGICO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA: EXPLORANDO O *IN LOCO* NO ENSINO PROFISSIONALIZANTE DO TURISMO¹

Thais Gaia Schüller²Hélio Luiz Brochier³

Resumo

O trabalho concentra-se na discussão acerca da experiência didática de exploração do turismo pedagógico no ensino técnico-profissionalizante do Turismo realizada através do estudo de caso do Curso Técnico em Turismo da Escola Estadual Técnica São João Batista e Classes Descentralizadas. Foi desenvolvida com base no paradigma interpretativo-idealista, utilizando o método indutivo para a discussão, tendo os dados baseados em entrevistas, na aplicação de questionários e na observação da *práxis* da autora. Na ocasião da migração do currículo por disciplinas para uma estruturação curricular por competências, as discussões do corpo docente do Curso Técnico em Turismo apontaram para a necessidade de levar os alunos a campo, mostrando a prática profissional *in loco* e inserindo uma estratégia metodológica vinculada ao conceito de Turismo Pedagógico. Desde então, adotou-se as “saídas técnicas” não como atividade complementar, mas como parte integrante da metodologia de ensino no curso, para oportunizar situações-problema que aproximem o aluno da realidade da profissão escolhida. Transcorridos três anos da implementação desta metodologia, a intenção é de avaliação pedagógica, apontando vantagens, desvantagens e a percepção de alunos, professores e gestores das Escolas envolvidas no processo.

¹ Estudo de caso elaborado como trabalho de conclusão do PEFPD - Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes da UERGS/Unidade POA, em 2012.

² Bacharel em Turismo pela UCS/NUCAN e Especialista em Memória Social e Identidades pela ULBRA/Canoas. Endereço: Rua João Pessoa nº1468, Montenegro-RS, Brasil. CEP 95780-000. Endereço eletrônico: thaisschuler@yahoo.com.br

³ Doutor em Ciências pela Universidade de Burgos. Endereço: Rua Inconfidentes nº395, Novo Hamburgo-RS, CEP 93340-140, Brasil. Endereço eletrônico: hbrochier@uol.com.br

Palavras-Chave: Turismo pedagógico; Ensino técnico-profissionalizante do Turismo; Estruturação curricular por competências

1 INTRODUÇÃO

Este estudo de caso, elaborado no Programa Especial de Formação Pedagógica de Docentes da UERGS/POA em 2012, desenvolveu-se a partir das observações realizadas na prática docente da autora e no processo de teorização desenvolvido para sua construção.

A migração estrutural do currículo do Curso Técnico em Turismo de disciplinas para competências, ocorrida em 2008, interferiu diretamente no planejamento das aulas e na didática dos professores. Baseados em Werlang (2007), o corpo docente passou a preocupar-se em oportunizar situações-problema que pudessem aproximar o discente da realidade da profissão. As discussões apontaram para a possibilidade de inserção de uma estratégia metodológica vinculada ao conceito de Turismo Pedagógico. Como decorrência, adotou-se as “saídas técnicas” não mais como atividade complementar, mas como parte integrante da metodologia de ensino no curso.

A pesquisa foi desenvolvida no ano de 2012, elaborada com base no paradigma interpretativo-idealista, utilizando o método indutivo para a discussão da experiência didática de exploração do turismo pedagógico no ensino técnico-profissionalizante do Turismo. Nossa intenção final é apontar vantagens, desvantagens e a percepção de alunos, professores e gestores das Escolas envolvidas no processo.

2 A ESCOLA ESTADUAL TÉCNICA SÃO JOÃO BATISTA

A Escola Estadual Técnica São João Batista é um instituição situada na cidade de Montenegro, com cerca de 900 alunos (2012). Possui uma forte identidade escolar junto à comunidade na qual se insere, funcionando nos três turnos. Além do Ensino Médio Politécnico, a Escola oferece três cursos técnicos: em Química e Eletrotécnica no Eixo Processos Industriais, e

Técnico em Guia de Turismo no Eixo Turismo, Lazer e Hospitalidade, este último adequado ao Catálogo Nacional de Cursos Técnicos para Técnico em Guia de Turismo (2013) pelo parecer CEED 664/2013. Atualmente, a formação profissional média de nível técnico pode ser cursada na modalidade Integrada ou Subsequente ao Ensino Médio (a modalidade concomitante foi extinta em 2013).

Em 2007, a instituição é convidada pela SUEPRO – Superintendência da Educação Profissional – a aderir ao Projeto de Implantação dos Centros de Referência na Educação Profissional do Estado do Rio Grande do Sul. O referido projeto propunha a transformação de Escolas Técnicas Estaduais (seis instituições, inicialmente) em Centros de Referência geradores de desenvolvimento social através da diretriz estratégica de ampliação e diversificação das oportunidades de acesso a cursos técnicos de nível médio (SUEPRO, 2007).

Este documento apresentava, em sua Cláusula Segunda, treze metas ou obrigações que a Escola deveria comprometer-se a cumprir para efetivar a transformação da instituição em Centro de Referência, da qual destacamos os itens 5 e 6:

5. Expandir a oferta de cursos profissionais técnicos de nível médio e de formação inicial e continuada, em sua região, inclusive pela criação de unidades de ensino em outras escolas ou espaços físicos indicados pela comunidades; 6. Organizar e desenvolver, por competência, o currículo dos cursos. (SUEPRO, 2007, p.02-03)

Reconhecida então, a partir de 2008, como Centro Estadual de Referência na Educação Profissional, a Escola passa a ofertar seus cursos com um currículo organizado por competências e em Classes Descentralizadas nos municípios de Dois Irmãos (E.E.T.Affonso Pena) e Taquara (CIMOL) com o Curso Técnico em Química; Campo Bom (E.T.E.31 de Janeiro), Maratá (C.E.EngºPaulo Chaves) e Ivoti (E.E.E.B.Prof.Mathias Schütz) com o Curso Técnico em Turismo.

Apesar da criação dos Centros de Referência ter tido amparo legal, a mudança seguinte no Governo do Estado, ocorrida no início de 2011, veio acompanhada de novas diretrizes para a educação, estando os Centro de Referência sem a autonomia ou os investimentos garantidos no documento de sua criação.

3 CURRÍCULOS BASEADOS EM COMPETÊNCIAS

Pensando a trajetória da educação profissional e técnica, Dias, Pardal e Martins (2007) colocam que “o ensino técnico e profissional têm se diferenciado do outro ensino secundário pelo seu carácter (*sic*) marcadamente funcional e reprodutor das estruturas sociais” (DIAS, PARDAL & MARTINS, 2005, p.77).

A idéia de currículos concebidos a partir de competências é constante no ensino profissionalizante. Werlang (2007) compreende que a formação curricular baseada em competências atende a um novo princípio educativo que visa adequar-se ao paradigma moderno que exige o domínio das tecnologias, da ciência e da compreensão da realidade. Já na concepção de Ramos (2002, p.402), currículos por competência são valorizam a dimensão experimental e “a autonomia do trabalhador contemporâneo diante da instabilidade do mundo do trabalho e das mudanças nas relações de produção” (RAMOS, 2002, p.407).

Em termos práticos, segundo Perrenoud (2000), a noção de competência designa a capacidade de mobilização de conhecimentos na resolução de problemas, sendo sua aplicação didática relacionada à criação de ambientes de aprendizagem caracterizados por “situações-problema” adequadas ao desenvolvimento de diferentes habilidades que permitam ao discente compreender e pensar a totalidade dos processos. As competências não devem ser apresentadas como saberes desarticulados, sendo necessária a substituição das concepções fragmentadas pela efetiva interdisciplinaridade.

4 O CURSO TÉCNICO EM TURISMO

No Brasil, o Turismo começa a receber atenção na década de 60, com a criação da EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo, mas é somente em 2003, através da criação do Ministério do Turismo - MTur, que esta atividade passa, de fato, a ser planejada enquanto atividade econômica e social. É através de uma das ações proposta por este Ministério, o Programa Nacional de Municipalização do Turismo, que o Curso Técnico em Turismo da E.E.T.São João Batista é concebido, em 2003, para ser implantado em 2005.

A organização curricular original, vigente entre os anos de 2005 e 2008, foi elaborada por disciplinas e tinha a carga horária de 1152 horas. O currículo dividia-se em três módulos: o Fundamental, o módulo de Mediação Turística, e o módulo de Eventos. A fragmentação curricular e a necessidade de adequações curriculares que permitissem um contato mais efetivo entre a sala de aula e a realidade do mercado de trabalho, somada à obrigatoriedade de elaboração de um currículo pensado por competências, culminou na estruturação de uma nova organização curricular, vigente a partir de 2009. Esta, por sua vez, estabeleceu-se a partir do novo perfil de egresso:

O Técnico em Turismo egresso da Escola Estadual Técnica São João Batista planeja, organiza e executa rotas, roteiros turísticos e eventos, respeitando as características ambientais, ecológicas, culturais e sociais, que constituem a base do desenvolvimento do turismo sustentável, da hospitalidade e do lazer. Demonstra capacidade para atuar como agente transformador do meio em que está inserido, enfrentando desafios inerentes ao mercado do setor, favorecendo a pesquisa científica e o fortalecimento do turismo da região. (E.E.T.SÃO JOÃO BATISTA, 2008, p.04-05).

A partir deste perfil, definiu-se a estruturação de um currículo por competências organizado em dois módulos: Roteiros Turísticos e Eventos:

Módulo	Competências	Habilidades/Unidades Avaliativas
ROTEIROS TURÍSTICOS (518 horas)	Competência 1: PLANEJAR ROTAS e ROTEIROS TURÍSTICOS. (366 horas)	1) Proceder ao levantamento de atrativos e potencialidades turísticas de uma destinação.
		2) Realizar levantamento de infraestrutura turística de uma destinação.
		3) Proceder ao levantamento de aspectos históricos e culturais de uma destinação.
		4) Proceder ao levantamento de aspectos geográficos, econômicos e ambientais de uma destinação.
		5) Elaborar diagnóstico de vocação turística.
		6) Criar projeto de captação de recursos de acordo com a Política Nacional de Turismo.
		7) Elaborar estratégias de comercialização de rotas e roteiros turísticos utilizando técnicas de marketing.
		8) Elaborar projetos de pesquisa aplicando metodologia científica.
	Competência 2: OPERACIONALIZAR ROTAS e ROTEIROS TURÍSTICOS. (152 horas)	1) Organizar e operacionalizar itinerários turísticos.
		2) Relacionar-se em língua estrangeira, através de comunicação oral ou escrita, para atender ao usuário do serviço.
		3) Comunicar-se oralmente e por escrito na língua portuguesa, no atendimento ao cliente, por telefone, e-mail e ao enviar correspondência oficial.
		4) Elaborar e apresentar projeto de rota e/ou roteiro turístico, bem como projeto de operacionalização de acordo com as normas técnicas de projetos.
EVENTOS	Competência 1: PLANEJAR EVENTOS.	1) Proceder ao levantamento de dados de infraestrutura para eventos.
		2) Planejar e organizar cerimoniais, aplicando os protocolos.
		3) Elaborar projeto de planejamento de um evento.

(336 horas)	(232 horas)	4) Elaborar estratégias de comercialização de eventos utilizando técnicas de marketing.
		5) Redigir documentos oficiais, em língua portuguesa, utilizando normas técnicas.
		6) Redigir documentos oficiais em língua estrangeira, utilizando normas técnicas.
	Competência 2: ORGANIZAR E EXECUTAR EVENTOS. (104 horas)	1) Elaborar projeto de execução de um evento.
		2) Operar equipamentos eletrônicos vinculados à organização de eventos.
		3) Atuar na organização de eventos, demonstrando conhecimento e postura para desenvolver diferentes funções.
		4) Atuar em equipe, assumindo papéis de liderança em diferentes grupos e atividades.
		5) Realizar avaliação pós-evento.
	TOTAL: 854 horas	

Fonte: E.E.T.SÃO JOÃO BATISTA, 2008, p.05-06

O curso era oferecido na forma concomitante, tendo por pré-requisito de acesso a conclusão do 2º ano do Ensino Médio ou equivalente, ou na forma subsequente (egressos do Ensino Médio).

Foram estabelecidas duas competências por módulo e dentro delas, diversas habilidades que, na prática, funcionavam como as unidades avaliativas do currículo. O Plano de Curso apresentava, ainda, de forma mais minuciosa, os conhecimentos e valores que regiam cada componente.

Cada unidade avaliativa era regida por um Plano de Estudos elaborado conjuntamente pelo corpo docente do curso. Estes planos estabeleciam, além das bases tecnológicas trabalhadas, a metodologia, os recursos e os instrumentos de avaliação, bem como suas respectivas normas reguladoras. O currículo por competências permitia que estes planos fossem frequentemente revisados e alterados, dando maior flexibilidade de conteúdos e métodos, sem, contudo, desarticular conhecimentos pré-estabelecidos no Plano de Curso.

Esta mudança estrutural interferiu diretamente no planejamento das aulas e na didática dos professores que voltaram sua concepção didática para a criação de situações-problema que aproximassem o aluno da realidade da profissão escolhida.

As discussões apontaram para a possibilidade de inserção de uma estratégia metodológica de turismo pedagógico que levasse os alunos a campo onde a “visita técnica fosse compreendida como uma atividade acadêmica e profissional, pois o aluno desenvolve a prática e pode traçar e desenvolver planos e soluções para os problemas do mercado turístico” (ALEXANDRE, AGUIAR & ARAÚJO, 2011, p.05).

5 TURISMO PEDAGÓGICO

Para Beni (2002), o atual turismo pedagógico caracteriza-se pela:

Retomada da antiga prática amplamente utilizada na Europa e principalmente nos Estados Unidos por colégios e Universidades particulares, e também adotada no Brasil por algumas escolas de elite, que consistia na organização de viagens culturais mediante o acompanhamento de professores especializados da própria instituição, ensino com programa de aulas e visitas a pontos históricos ou de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes. (BENI *apud* RAYKIL, 2005, p.05).

Não podemos ignorar neste conceito, a referência ao caráter elitizado desta prática, lembrando que nosso objeto de estudo é uma instituição pública com recursos financeiros limitados, mas que busca atingir os mesmos objetivos.

O turismo pedagógico é comumente (segundo VINHA, 2005; HORA & BRANDÃO, 2003; RAYKIL, 2005) fundamentado nas técnicas de “aula passeio” ou “aula das descobertas” do pedagogo francês Célestin Freinet, cuja teoria enfatizava a importância de não permanecer apenas dentro da sala de aula, mas explorar todo o ambiente, conhecendo a comunidade e o contexto cultural em que se insere o sujeito (TREVISAN & ANGOTTI, 2009). Na perspectiva de Eissmann (2007), estas atividades oferecem possibilidades interdisciplinares, sendo adaptáveis a qualquer nível de escolaridade.

Na afirmação que o Turismo Pedagógico estimula a “construção da percepção da realidade por parte dos alunos por lhes permitir o contato com a realidade concreta” (CUNHA, 2002, p.01), clara é a influência do modelo histórico-cultural construtivista e na teoria vygotskyana que, analisando os processos culturais na formação do sujeito, entende que a aprendizagem se dá através do outro e do legado de seu grupo cultural (VYGOTSKY, 2002). Assim, “o comportamento e a capacidade cognitiva de um determinado indivíduo dependerão de suas experiências, de sua história educativa, que, por sua vez, terão relações com as características do grupo social da época em que se insere” (REGO, 2005, p.60).

A preocupação principal do Turismo Pedagógico centra-se, portanto, na condução da atividade educativa, de forma a alcançar finalidades pedagógicas por meio da experiência turística. O estudo *in loco* se apresenta como uma possibilidade de tornar o conhecimento

pertinente, contextualizado e real, o que é fundamentado pelas idéias do pedagogo Ausubel (*apud* PELIZZARI, 2002).

Destacamos, que a prática do turismo pedagógico confronta o tradicional posicionamento da atividade turística como parte integrante do lazer, possuindo esta modalidade de turismo, a característica peculiar não de ocupação do tempo ocioso, mas de utilização do período letivo (HORA, 2001 *apud* HORA & CAVALCANTI, 2003). Outra particularidade é que nossa abordagem trata do turismo pedagógico como atividade curricular obrigatória nas unidades avaliativas às quais é vinculado, e não como atividade extraclasses ou optativa. Em termos de segmentação, o Ministério do Turismo ainda não reconhece o turismo pedagógico como segmento oficial, ocorrendo tentativas de autores dedicados ao tema, em situá-lo, ora no Turismo Cultural pelo caráter de vivência do patrimônio; por vezes, no Turismo de Estudos e Intercâmbio por caracterizar-se pelo desenvolvimento de atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento; no Turismo Social, que trabalha o exercício da cidadania; no Ecoturismo, quando as referidas atividades ocorrerem no ambiente natural; e até vinculado ao Turismo Rural, no caso das práticas desenvolvidas no meio rural e ligados à ruralidade⁴.

6 TURISMO PEDAGÓGICO NO CURSO TÉCNICO EM TURISMO

O Curso Técnico em Turismo da E.E.T.São João Batista desenvolvia, na ocasião deste estudo, as seguintes práticas de turismo pedagógico:

- ✓ viagem de estudos à cidade de Bento Gonçalves, com visita aos Caminhos de Pedra e ao Vale dos Vinhedos, relacionando conteúdos desenvolvidos na habilidade de montagem de itinerários turísticos;
- ✓ viagem de estudos à cidade de Três Coroas, com visita ao Centro Budista Khadro Ling e ao Parque das Laranjeiras com prática e observação de atividades de aventura, relacionando os conteúdos desenvolvidos na habilidade de atrativos turísticos e segmentação turística;

⁴ O Ministério do Turismo define a vivência do meio rural, de um vínculo com os modos de vida e produção característicos do meio como pressuposto para a ocorrência do Turismo Rural, diferenciando- do Turismo em Espaço Rural.

- ✓ viagem de estudos à cidade de Nova Petrópolis, visitando um evento da área do turismo, relacionando os conteúdos desenvolvidos na habilidade de infraestrutura para eventos;
- ✓ viagem de estudos à cidade de Canela, com visita ao Ecoparque Sperry, ao Vale do Quilombo, relacionando os conteúdos desenvolvidos na habilidade de geografia e meio ambiente;
- ✓ visita técnica a uma rota ou atrativo turístico que trabalhe o Turismo Rural, relacionando os conteúdos desenvolvidos na habilidade que trata da segmentação turística;
- ✓ visita técnica a uma agência de viagens, a um meio de hospedagem e a um equipamento de lazer, relacionando os conteúdos desenvolvidos na habilidade de infraestrutura turística;
- ✓ visita técnica ao Quinta da Estância Grande, em Viamão, participando do Programa de Imersão em Língua Estrangeira, relacionando os conteúdos desenvolvidos nas habilidades de línguas estrangeiras.

Apesar da organização curricular, a entrar em vigência a partir de 2013, ser por disciplinas, a concepção do referido currículo ainda ocorreu a partir de competências e habilidades estabelecidas com base no perfil esperado do egresso.

6.1 Metodologia

Transcorridos três anos da implantação da segunda estrutura curricular e tendo o Curso Técnico em Turismo extensão em outras três escolas do Rio Grande do Sul, concentramos nossa pesquisa na análise da experiência didática de exploração do turismo pedagógico no ensino técnico-profissionalizante do Turismo. Esta análise baseou-se tanto na observação na *práxis* da autora quanto nas entrevistas e aplicação de questionários a alunos, professores e à Direção das Escolas.

A pesquisa foi desenvolvida no ano de 2012, elaborada com base no paradigma interpretativo-idealista, utilizando o método indutivo para a discussão da experiência didática de exploração do turismo pedagógico no ensino técnico-profissionalizante do Turismo. Foi estruturada com base em três problemas fundamentais: a utilização do turismo pedagógico como parte integrante do currículo, favorece a aprendizagem dos discentes no Curso Técnico em Turismo?; como alunos, professores do curso e gestores das Escolas percebem o

desenvolvimento destas atividades?; e quais as principais vantagens e desvantagens de utilização desta estratégia didática?

A partir do estabelecimento de hipóteses, estes três problemas de pesquisa foram trabalhados de forma a discutir a experiência didática de exploração do turismo pedagógico no ensino técnico-profissionalizante do Turismo, especificamente, analisando o turismo pedagógico como estratégia didática na relação teórico-prática, no ensino técnico-profissionalizante do Turismo; trabalhando a percepção de discentes, professores e gestores de Escolas no que se refere à adoção do turismo pedagógico como prática didática; e relacionando as principais vantagens e desvantagens de utilização desta ferramenta metodológica.

A observação participativa, bem como as entrevistas com os segmentos alunos, professores e gestores do Centro de Referência e das Classes Descentralizadas, envolveram técnicas de entrevista livre, semiestruturada, e dirigida e questionário. Embora a ênfase do trabalho seja qualitativa, é importante destacar que, estatisticamente, foi possível a consulta a todos os gestores, a 85% dos professores e a 75% dos alunos envolvidos.

6.2 Resultados e Discussão

A importância da prática *in loco* prevaleceu nos discursos de professores, alunos e gestores. Se, em um primeiro momento, na ocasião da matrícula e apresentação do curso, a obrigatoriedade de cumprimento de saídas técnicas foi percebida com desconfiança, esta ideia modifica-se quando da ocorrência da primeira atividade:

Participamos de todo o planejamento da atividade: fizemos levantamento de preços e opções, previmos tempo de deslocamento, a professora apresentou os locais que seriam visitados e justificou a escolha de cada um deles, relacionando com os conteúdos que estávamos trabalhando e que ainda iríamos trabalhar. Na aula seguinte, discutimos pontos positivos e negativos, analisamos a qualidade da infraestrutura e dos serviços contratados e buscamos linear *[sic]* o que vimos com a realidade do mercado de trabalho. (aluno1)

As atividades funcionavam, ainda, como meio de qualificação profissional, pois permitiam vivenciar a realidade das práticas da atividade turística. Mesmo visitando locais já conhecidos, as saídas técnicas geravam nos alunos o que Hora & Cavalcanti (2003), chamam de

“reconversão” do olhar, “cujo objetivo é o desenvolvimento de uma postura crítica, desprovida de alienações e fantasias, acerca do ambiente estudado” (HORA & CAVALCANTI, 2003, p.225).

No primeiro dia de aula a professora falou que estudar turismo estraga as viagens da gente. Fiquei preocupada, mas logo entendi o porquê: agora, mesmo quando viajamos ‘a turismo’, é impossível deixar de lado o que aprendemos em sala de aula. Passamos a observar tudo de forma crítica: o atendimento do recepcionista no hotel, a sinalização do local visitado, a hospitalidade da comunidade local. (aluno2)

Se Hora & Cavalcanti (2003) destacam a importância em converter o olhar de aluno a um olhar de turista com relação ao local visitado, no caso das atividades de turismo pedagógico desenvolvidas no curso técnico em questão, o corpo docente incentiva o contrário. Atitudes “de turista” não são encorajadas, sendo o grupo de alunos constantemente lembrado sobre a finalidade de cada visitação.

Embora o grupo de alunos e professores reconhecesse a relevância dessas atividades em sua formação profissional e as considerassem insubstituíveis em termos de aproveitamento, o grande viés relacionado à adoção do turismo pedagógico como instrumento metodológico relacionou-se ao fato da atividade exigir investimento financeiro dos alunos⁵ e suas famílias e por sua ocorrência se dar, muitas vezes, aos finais de semana.

Meu marido reclama perguntando se vou ‘passar’ novamente no domingo. Difícil fazer o pessoal entender que não pode participar porque não é um passeio, mas parte da aula. Além de acarretar custo, tenho que deixar minha família no único tempo livre que tenho para ficar com eles. As saídas deveriam ocorrer no horário de aula e de forma mais intensiva. (aluno3)

Por parte dos professores, um dos principais pontos negativos apontados, além da ocorrência em finais de semana, refere-se justamente ao processo de planejamento da atividade: contatar e reservar locais, realizar orçamento, negociar condições. Soma-se a isso a responsabilidade sobre a integridade dos alunos e dos locais de visitação que recai sobre o docente.

Por parte das equipes diretivas, nem sempre as atividades são percebidas como de relevância na formação profissional do aluno. Somente após um contato mais efetivo com a

⁵ Destaca-se que nas classes descentralizadas de Ivoti e Maratá as respectivas Prefeituras Municipais contribuíam com as atividades do curso oferecendo transporte sem custo para a efetivação das saídas técnicas.

avaliação das saídas ou no acompanhamento de algumas delas, é possível ao gestor compreender sua aplicação e relevância pedagógica.

De forma resumida, listamos abaixo os principais pontos positivos percebidos na análise do emprego do turismo pedagógico no Curso Técnico em Turismo da E.E.T.São João Batista: permite o contato direto do aluno com o *trade* turístico; favorece a interação da turma e professores; contribui significativamente com a formação do profissional de Turismo; auxilia na assimilação de conteúdos teorizados em aula; gera aprendizagem significativa; oportuniza conhecer locais inacessíveis de outra forma.

Da mesma forma, buscamos resumir os principais pontos negativos percebidos: ocorrer fora do horário de aula; ser oneroso; outros alunos da Escola ou parentes e amigos não compreendem ser uma atividade de ensino, considerando que o grupo está indo “passear”.

Em um estudo de caso sobre a relevância das saídas técnicas na formação do profissional de turismo do IF/SE, Alexandre, Aguiar & Araújo (2011) identificam questões muito pertinentes com relação à utilização do turismo pedagógico. A referida pesquisa apontou para uma percepção negativa acerca das atividades de turismo pedagógico desenvolvidas na referida instituição, cuja principal causa, no entendimento dos autores, é a falta de planejamento. Em suas considerações finais, entendem como fundamental a criação de um “Manual de visitas técnicas” que ofereça informações consistentes sobre as atividades (voltado especialmente aos alunos).

Nossa intenção aqui não se refere à criação de nenhum manual, mas nos cabe a sugestão de alguns indicadores procedimentais voltados ao professor que contribuam para potencializar a experiência turístico-pedagógica dos discentes de cursos da área do turismo em nível médio. Entendemos que, mesmo se a responsabilidade pela operação da atividade seja transferida a uma agência especializada (o que reforçamos ser muito importante), o aluno de ensino profissionalizante de turismo deve ter acesso às diversas etapas que envolvem a consolidação de sua própria saída técnica ou viagem de estudos.

Indicadores Procedimentais para operacionalização de atividades de Turismo Pedagógico

<u>Etapa 1: O Planejamento</u>	
Procedimento	Recomendações para operacionalização

Agendamento da data	É essencial que o agendamento seja realizado com antecedência, que recomendamos que se estabeleça entre 25 a 45 dias antes da data do excursionismo ⁶ e 60 dias para deslocamentos com pernoite. Antes de marcar a data, deve ser verificada a previsão do destino para o período, por exemplo: se não haverá algum evento importante no local ou próximo a ele (este tipo de acontecimento pode atrasar e prejudicar consideravelmente a visita).
Efetivar parcerias	Buscar parcerias no setor público e privado pode auxiliar na redução dos custos da atividade. O auxílio a ser solicitado não precisa ser, necessariamente, financeiro, havendo a possibilidade, por exemplo, de cedência de transporte, de isenção de ingressos a atrativos, etc.
Envolvimento dos alunos	Recomenda-se o envolvimento direto dos alunos no processo, dividindo as tarefas de levantamento de orçamento, de pesquisa sobre os locais visitados, cálculo do tempo de deslocamento entre os destinos visitados, etc. Uma boa estratégia é fazer um levantamento de expectativas e anseios dos alunos para a atividade.
Escolha dos prestadores de serviço	A contratação de serviço especializado e de qualidade pode ser determinante para o sucesso da atividade, principalmente se o professor optar pela contratação de uma agência/guia de turismo para a consolidação. Deve-se proceder à tomada de preços e verificação da legalização dos prestadores envolvidos. Neste ponto, o setor financeiro da Escola pode ajudar bastante. É relevante que seja firmado um contrato formal que descreva claramente as atribuições de cada prestador de serviço. Outro fator diferencial é a contratação do seguro viagem, o qual pode ser adquirido na maioria das agências. Nossa experiência mostra que uma conversa prévia com os prestadores de serviços e mediadores sobre os objetivos da saída técnica ou viagem de estudos, o perfil dos alunos, seus anseios e expectativas é muito relevante.
Recolhimento prévio dos valores	Fundamental é que o professor responsável recolha os valores a serem pagos por aluno com antecedência de pelo menos 10 dias para excursionismo e 25 a 30 dias para viagens com pernoite, visto muitos prestadores de serviço exigirem um depósito preliminar para efetivação da reserva (neste caso, observar as condições para reembolso em caso de cancelamentos).
Organização do Professor	A montagem de uma pequena pasta com o telefone e endereço de todos os alunos (e seus respectivos contatos pessoais) e prestadores de serviço (sempre ter um nome de contato em cada empresa ou serviço contratado) e toda a documentação para a viagem é determinante no momento de uma emergência. A Direção da Escola deve ficar de sobreaviso e à disposição do professor acompanhante para auxiliar o grupo no caso de uma eventualidade. Deve-se observar as normativas legais para cada caso, antecipando-se autorizações para os menores de idade, preferencialmente descrevendo minuciosamente as atividades que serão desenvolvidas. Sempre manter a Direção da Escola a par do processo de planejamento.
Aula anterior à saída técnica ou viagem de estudos	Na aula anterior à saída técnica ou viagem de estudos, entregar por escrito orientações aos alunos, compilando as principais informações referentes a vestuário adequado, bagagem, postura exigida (o que pode e o que é terminantemente proibido), horário de apresentação no local para embarque, itinerário, telefone do professor responsável, dos prestadores de serviço e dos locais visitados, objetivos para a atividade e a forma de avaliação decorrente (pedir que deixem uma cópia em casa, para a família). Nesta mesma oportunidade, deve-se reforçar quais os procedimentos a serem adotados em casos de eventualidades como mal tempo, doença do aluno ou familiar, atraso, etc. Aproveitar para tirar todas as dúvidas deles. Pedir que, em caso de qualquer problema durante o itinerário, procurem primeiro pelo professor.
Últimos ajustes	No último dia útil antes do embarque, recomendamos telefonar para os prestadores de serviço confirmando detalhes das visitas e a disponibilidade de tudo o que foi solicitado, pois, no caso de qualquer falha ou eventualidade, ainda será possível

⁶ Entenda-se por excursionismo a viagem turística com tempo de permanência inferior a 24 horas e sem pernoite. (BENI, 2003)

	realizar alguns últimos ajustes.
<u>Etapa 2: Em campo</u>	
Embarque	Chegar ao local pelo menos 15 minutos antes do horário marcado com os alunos. No caso de atraso do transporte contratado, telefonar imediatamente para o mesmo. Apresentar-se ao motorista e verificar a lista de passageiros que o mesmo registrou junto ao órgão competente, bem como toda documentação do transporte. Na chegada dos alunos, verificar se todos portam carteira de identidade e outros documentos necessários, de acordo com a particularidade de cada saída técnica. Antes de sair, certificar-se da presença de todos e telefonar aos atrasados. Oferecer a tolerância máxima de 10 minutos para atraso na saída.
Relacionamento com os prestadores de serviço	Manter um bom relacionamento com os prestadores contratados é fundamental, mas nem sempre é fácil. Solicitar que qualquer problema com os alunos seja comunicado ao professor, visto ser da responsabilidade do mesmo chamar a atenção dos discentes. Se algum dos serviços contratados estiver em desacordo com o que foi contratado, procurar conversar em particular com o prestador, convidando apenas um aluno para testemunhar, mas sem interferir. Caso o problema não possa ser solucionado, contatar a Direção da Escola e o mediador da contratação. Não falar alto ou estimular tensão entre o grupo e o prestador de serviço, deixando para resolver este tipo de situação após o retorno.
Manter o foco do trabalho, mas deixá-los à vontade	É muito comum observarmos em atividades de turismo pedagógico uma certa euforia de alguns alunos. É fundamental, neste caso, que o professor oriente estes alunos a concentrar-se nos aspectos abordados em aula e nos objetivos da saída técnica ou viagem de estudos. Da mesma forma, muitos podem apresentar comportamento displicente ou grande distração. Sempre que necessário, o professor deve chamar a atenção do discente, mas recomendamos que o faça de forma discreta, preferencialmente evitando que os colegas, mas especialmente pessoas estranhas o vejam, evitando constrangimentos. Recomendamos, entretanto, favorecer situações de descontração que deixem os alunos à vontade.
Incentivar a investigação	Cabe ao professor, em campo, instigar o aluno a buscar mais do que está sendo oferecido, demonstrando interesse, fazendo perguntas, realizando conversas informais com pessoas do local visitado.
Observar a postura dos alunos	A postura dos alunos em campo, diante de situações-problema, pode dizer muito sobre o perfil que o discente apresentará enquanto profissional da área, então é nossa recomendação que também suas atitudes e sua linguagem sejam consideradas em sua avaliação.
<u>Etapa 3: De volta à sala de aula</u>	
Promover a discussão	Ainda que a forma de avaliação escolhida pelo docente seja o relatório, a promoção da discussão acerca do que foi observado em campo é fundamental para o intercâmbio de informações e permite gerar ressignificação sobre o que foi visualizado.
Incentivar a criticidade técnica	Incentivar que os alunos apontem aspectos positivos e negativos (estes sempre acompanhados de possibilidades para resolução) é desenvolver suas competências profissionais. É importante incentivá-los a utilizar a terminologia técnica.
Desenvolver o empirismo	Sempre que os alunos destacarem algum ponto significativo da atividade, incentivar sutilmente o grupo a teorizar sobre o assunto, onde o professor apresente o conhecimento técnico, mostrando que os conhecimentos trabalhados em aula estão presentes na realidade vivenciada.
Avaliar contribuições da atividade	Orientar os alunos a expor seu posicionamento sobre as contribuições da atividade para sua formação profissional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos de aspectos didáticos procedimentais no ensino profissionalizante do turismo, a exploração do turismo pedagógico resulta em uma experiência capaz de desenvolver no futuro profissional responsabilidade, sociabilidade, respeito ao próximo e a resolução de situações-problema. É um momento de exercício de sua autonomia. A riqueza desta ação pedagógica proporciona aprendizagem significativa, permite a construção empírica e a assimilação do conhecimento pelo contato com a realidade concreta.

A experiência de inserção de saídas técnicas ou viagens de estudos no ensino profissionalizante do turismo no caso da E.E.T.São João Batista e suas classes descentralizadas mostrou-se proveitosa, embora necessitasse de alguns ajustes procedimentais.

Por fim, entendemos que atividades de turismo pedagógico podem também ser aproveitadas em outras áreas de formação, adaptando-se os indicadores procedimentais.

PEDAGOGICAL TOURISM AS A TEACHING STRATEGY: EXPLORING THE *IN LOCO* IN THE TOURISM PROFESSIONAL TEACHING

Abstract

The article focuses on the discussion about the teaching experience of exploring the pedagogical tourism in the technical and professional teaching of Tourism accomplished through the case study of the Technical Course in Tourism held in the State Technical School São João Batista and decentralized classes. It was all developed based on the interpretative-idealistic paradigm, using the inductive method for discussion, having the data based on interviews, questionnaires and on the author's praxis observation. When there was a change from the school curriculum divided in school subjects to a new curricular structure per skills, the teachers discussions pointed at the need of taking the students to field, showing the professional practice in loco and inserting a methodological strategy linked to the concept of Pedagogical Tourism. Since then, it was adopted the "technical field trips" not as an additional activity, but as part of the course teaching methodology, in order to create situations which made the student closer to the chosen professional reality. Three years after this methodology implementation, the goal is a pedagogical

evaluation, pointing at advantages, disadvantages and the perceptions of students, teachers and school managers involved in the process.

Keywords: Pedagogical Tourism; Technical And Professional Teaching Of Tourism; Curricular Structure Per Skills

TURISMO PEDAGÓGICO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA: EXPLORANDO EL *IN LOCO* EN LA ENSEÑANZA PROFESIONAL DEL TURISMO

Resumen

El trabajo concentra en la discusión acerca la experiencia didáctica de la pesquisa del turismo pedagógico en la enseñanza técnico-profesional del Turismo que se ha realizado a través del estudio de caso en el Curso Técnico en Turismo de la Escuela Estadual São João Batista y Clases Descentralizadas. Se ha desarrollado basada en el paradigma interpretativo-idealista, utilizando el método inductivo para la discusión, teniendo los datos basados en entrevistas, aplicaciones de cuestionarios y en la observación del praxis de la autora. En el momento de la migración del currículo por clases para una estructuración curricular por competencia, las discusiones del cuerpo docente del Curso Técnico en Turismo han apuntado hacia la necesidad de llevar nos alumnos al campo, les indicando la práctica profesional in loco e insertando una estrategia metodológica atada al concepto del Turismo Pedagógico. Desde entonces, se ha adaptado lo que se llama “salidas técnicas” no apenas como actividades complementares, pero como parte integrante de la metodología de la enseñanza del curso, para proveer situaciones-problema que pueden acercar el alumno del contexto de la profesión elegida. Transcurridos tres años de la implementación del método, la intención es de una evaluación pedagógica, apuntando ventajas, desventajas y la percepción de alumnos, profesores y gestores de las Escuelas envueltas en el proceso.

Palabras-clave: Turismo Pedagógico; Enseñanza Técnico-Profesional Del Turismo; Estructuración Curricular Por Competencias

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, L. M.; AGUIAR, I. L.; ARAÚJO, L. F. de. *A importância do turismo pedagógico no processo ensino-aprendizagem nos cursos de turismo do IFS*. In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL, 5. ed. São Cristóvão, 2011.

BARRETO, Margarita. *Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo*. Campinas: Papirus, 1995.

BENI, Mário Carlos. *Globalização do Turismo: megatendências do setor e realidade brasileira*. São Paulo: Aleph, 2003.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB 11/2008, aprovado em 12 de junho de 2008. *Proposta de instituição do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio*.

_____. Parecer CNE/CEB n. 3/2012, aprovado em 26 de janeiro de 2012. Atualização do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio.

_____. Resolução CNE/CEB nº 4 de 6 de Junho de 2012. *Dispõe sobre alteração na Resolução CNE/CEB n. 3 de 9 de julho de 2008, definindo a nova versão do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio*.

_____. Resolução CNE/CEB nº 3 de 9 de julho de 2008. *Dispõe sobre a instituição e implantação do Catálogo Nacional de Cursos Técnicos de Nível Médio*.

_____. Ministério do Turismo. *Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais*. Brasília: Ministério do Turismo, 2003. 55f.

CABREIRA, J. *A Escola Estadual Técnica São João Batista*. Entrevista concedida à T.G. Schüler em 13 de junho de 2011.

CUNHA, M. C. et al. *Turismo Educacional: que viagem é essa?* Centro Universitário Ibero-Americano, 2002. Disponível em:
<http://www.unibero.edu.br/downloadrevistaeletronicaset03_artigosturismo%20educacional.pdf>. Acesso em: 16 Jun de 2011.

DEGRAZIA, Carolina Figueró. Construindo Competências na Formação Profissional em Turismo. *Global Tourism*, n. 2, Nov. 2005.

E. E. T. SÃO JOÃO BATISTA. *Plano de Curso – Curso Técnico em Turismo*. Montenegro: 2005.

_____. *Plano de Curso por Competências – Curso Técnico em Turismo*. Montenegro: 2008.

_____. *Regimento para a Educação Profissional*. Montenegro: 2012.

EISSMANN, Fernanda. *Turismo Pedagógico - A Consolidação e ampliação de olhares*. 2007. 63f. Monografia - (Bacharelado em Turismo), Centro Universitário FEEVALE, Novo Hamburgo.

HORA, A.S.; CAVALCANTI, K.B. Turismo Pedagógico: Conversão e Reconversão do Olhar. In: REJOWSKY, M.; COSTA, B. K. *Turismo Contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão*. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, A.M.; PARDAL, L.A.; DIAS, C. Ensino Técnico e Profissional: natureza da oferta e da procura. *Revista Interações*, Portugal: Repositório Científico Aberto de Portugal, v.1, n.1, 2005. Disponível em: <<http://www.eses.pt/interaccoes>>. Acesso em: 20 de março de 2011.

MELLO, Guiomar Namó de. *Magistério de 1º Grau: da competência técnica ao compromisso político*. São Paulo: Cortez, 1993.

NASCIMENTO, Maria Cristina. *Viagens Escolares: Ampliação da cultura, aprendizagem e sociabilidade*. 2006. 151f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Meio Ambiente) – Centro Universitário UMA, Belo Horizonte.

PELIZZARI, A. et al. Teoria da Aprendizagem Significativa segundo Ausubel. *Revista PEC*, v. 2, n. 1, p.37-42. Curitiba: julho 2001/2002. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>>. Acesso em: 19 Jul de 2016.

PELIZZER, Hilário Ângelo. Planejamento e Gestão da Hospitalidade no Turismo Receptivo. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti (org.). *Planejamento e Gestão em Turismo e Hospitalidade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

PERRENOUD, Philippe. *10 Novas Competências para Ensinar*. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2000.

PICCININI, Teresinha Backes. *Trajetórias de jovens em processo de inserção profissional do Curso Técnico em Eletrotécnica e Técnico em Química na Escola Estadual Técnica São João Batista – Montenegro/RS, no período de 2001 a 2004*. 2006. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação) - UFRGS, Porto Alegre.

RAMOS, Marise Nogueira. A educação profissional pela Pedagogia das Competências: para além da superfície dos documentos oficiais. *Educação e Sociedade*. Campinas: Unicamp; Campinas: CEDES, v.23, n.80, p. 405-427, set. 2002.

_____. É possível uma pedagogia das competências contra-hegemônica? Relações entre pedagogia das competências, construtivismo e neopragmatismo. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, n.1, p. 93-114. Mar. 2003.

RAYKIL, E. B.; RAYKIL, C. Turismo Pedagógico: uma interface diferencial no processo ensino-aprendizagem. *Global Tourism*, n. 2, Nov. 2005.

REGO, Teresa Cristina. Ensino e constituição do sujeito. *Revista Viver-Mente e Cérebro: Vygotsky*. São Paulo, Duetto, n.2, p. 58-67, 2005.

REJOWSKI, M.; CARNEIRO, J. B. Formação e Capacitação de recursos Humanos em Turismo: Ações Inovadoras e Estratégias. In: REJOWSKY, M.; COSTA, B. K. *Turismo Contemporâneo: desenvolvimento, estratégia e gestão*. São Paulo: Atlas, 2003.

SUEPRO, Superintendência da Educação Profissional do Estado do RS. *Termo de Adesão ao Projeto Implantação dos Centros de Referência na Educação Profissional*. Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul, 2007.

TREVISAN, G.; ANGOTTI, M. Pedagogia de Freinet e as contribuições para se pensar a educação infantil atual. In: *Congresso de Iniciação Científica da UNESP*, 21. Ed. 2009, São José do Rio Preto (SP). Disponível em <http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_36814451840.pdf>. Acesso em: 30 de junho de 2012.

VINHA, M. L. et al. O Turismo Pedagógico e a Possibilidade de Ampliação de Olhares. *Revista Hórus*, Ourinhos: Faculdade Estácio de Sá, n.3, 2005. Disponível em: <<http://www.faeso.edu.br/horus/artigos%20anteriores/2005/Artigo%20Maria%20L%C3%BAcia.pdf>>. Acesso em: 20 Jul de 2011.

WERLANG, Canrobert Kumpfer. *Formação Profissional baseada em Competências*. 2. ed. Santa Maria: Multipress, 2010.

Data de recebimento: 29/01/2016

Data de aceite: 07/03/2016